

Buscar as origens do pensamento de Mondlane

Issaia Mulate, primeiro professor do fundador da FRELIMO, entrevistado pelo "Domingo" em Nwadjahane

Domingo 4/2/90 p.16



PASSAM 21 anos que foi assassinado, pelos inimigos da Revolução, o Dr. Eduardo Chivambo Mondlane, primeiro Presidente e fundador da Frente de Libertação de Moçambique, FRELIMO, o arquitecto da Unidade Nacional e Herói Nacional.

O tempo parece ser distante para esta figura ainda merecer atenção. Porém, se atendermos ao seu papel preponderante na promoção da Unidade Nacional e na definição clara do colonialismo português como inimigo principal do Povo moçambicano, se olharmos ao percurso seguido por ele na luta pela conquista da Independência Nacional, cedo veremos que falar de Mondlane nunca é demais.

Porém, se a sua biografia oficial é conhecida, nunca é demais ouvirmos de viva voz, aqueles que privaram com aquela personalidade de reconhecido prestígio nacional e internacional. Vale a pena, pois, ouvirmos algo dos seus colegas de escola, quer na infância, quer nas universidades; os seus familiares e companheiros de luta e, agora, Issaia Mulate, primeiro professor de Eduardo Mondlane.

Em mais uma homenagem aos heróis e especialmente à memória de Mondlane, "Domingo" apresenta, pois este depoimento, na passagem do 21.º ano do seu assassinato, um depoimento cujo valor reside no facto de ter sido recolhido em Nwadjahane, a terra que viu Mondlane nascer.

Quando nos disseram, na terra natal do Presidente Mondlane, que o seu primeiro professor ainda estava vivo e, mais ainda, que podia travar conversa connosco, o nosso sentimento foi de indistinctível surpresa e, de certo modo, de incredulidade.

Avançámos, porém, para a casa do homem, já vencido pelo tempo, mas com uma frescura de memória notável, salpicando aqui e acolá a nossa conversa com alguns episódios sobre a infância daquele que foi o fundador da FRELIMO.

Issaia Mulate é como se chama o nosso homem e a acreditar nas suas palavras, completa este ano 88 anos de vida, uma vida intensamente vivida, dedicada em simultâneo à religião e à agricultura,

Nascido em 1902, em Nwadjahane, conta que teve uma infância comum a qualquer miúdo nascido no campo. Lançando o olhar sobre a terra, como que buscando nela as memórias, o velho professor continua a narrativa explicando os seus primeiros passos na busca do conhecimento científico.

— Comecei a estudar em 1912 tive um colega chamado Augusto Cossa, numa escola de xitsua. Concluído o «xipela» de xitsua, (uma gramática do grau básico daquela língua), Issaia Mulate estudou changana.

Segundo ele mesmo conta, depois de concluir estes níveis entrou para o testamento, findo o qual não mais estudou «devido às condições difíceis de então, para

quem quisesse continuar a estudar».

O velho mestre lamenta mesmo o facto de ter andado tanto tempo a estudar «xitsua» e «changana», pois se durante esse tempo tivesse ingressado em escolas normais, acredita que teria atingido um bom nível. Contudo, reconhece que aquelas eram as limitações daquele tempo.

Muitas foram essas limitações referidas pelo velho professor. Ele próprio confessa que mesmo aquele tipo de aprendizagem a que teve acesso nem todos tiveram oportunidade de beneficiar dele.

— Muitos continuaram a apascentar gado e a entregarem-se a outros usos e costumes da tradição africana que os considero sublimés — explica-nos Issaia Mulate.

O nosso entrevistado refere que para aprender o pouco que sabe, o mérito pertenceu ao acaso. Um dia decidiu dar uma volta à escola para ir ver os que estudavam. Foi nesse dia que o professor, interessando-se pela sua sorte, o chamou e perguntou o que ali fazia.

— Respondi que estava a assistir os que estudavam. Ele perguntou se também não queria estudar e respondi que o meu pai não autorizava tal coisa. O velho Issaia elucida, contudo que a sua versão na altura não era a mais fiel, pois o que ele tinha na escola era o modo de ir à escola e não seria o pai a proibí-lo.

Depois daquela conversa, o professor teve uma conversa com o pai do velho Issaia e daí a pou-

cos dias matriculou-se numa escola que como era normal, pertencia à Missão Suíça.

O interlocutor explica-nos que por causa das circunstâncias da altura, tinha que frequentar a igreja, tendo sido baptizado em Chitumbane, perto de Xai.Xai.

Foi ainda no tempo de escola que o velho Mulate conheceu aquele que educou o Dr. Mondlane, o Dr. Clerc.

— Conheci a ele quando estávamos a construir a Missão de Maússe, onde Eduardo iria estudar mais tarde. Também é preciso referir que antes do Dr. Clerc esteve lá o Padre Ginodo e só mais tarde apareceu o Clerc.

Issaia Mulate começou a leccionar em 1924, quando o seu futuro aluno, Eduardo Mondlane, tinha apenas quatro anos (ele nasceu em 1920). «Eu já o conhecia fora da escola, pois eram meus vizinhos e, além disso, quando fosse pescar, tinha que dar um pouco de peixe ao pai dele, Nwadjahane, porque pescávamos no rio deles, o Matchecahomo».

rando-se quer formando a FRELIMO.

— Mas quando soube que ele havia se doutorado, comecei a receber e a escrever tudo o que sabia sobre ele; é pena que quando fiquei doente, tudo se estragou porque ninguém ligava isso.

Depois de estudar Tsonga, Mondlane saltou para as classes onde se ensinava português, tendo sido seu professor, nestas, o Augusto Muthombene.

Issaia Mulate insiste que a verdadeira história de Mondlane é aquela que ainda repousa nas mentes dos seus familiares, dos seus vizinhos e esta busca-se na sua terra, em Nwadjahane, Mandlakazi.

— É aqui onde se deve procurar a raiz do Dr. Mondlane, pois aqui há gente que o conheceu na infância, que com ele viveu na infância e há sobretudo a prima dele, a Sr.ª Madalena, que era a sua inseparável. Pastaram juntos e juntos compartilharam os segredos da juventude — conta o velho professor.



O velho Issaia lembra que o pai de Eduardo Mondlane era rei e, como tal, e seguindo a tradição africana, quem alimenta o rei é a população, daí a obrigatoriedade que havia de se prestar tributo àquela família.

Quando Eduardo Mondlane apareceu na escola do mestre Issaia, este confessa que ficou «perturbado», pois o jovem era muito inteligente, muito lícido e provinha de uma família bastante influente.

— Eu fui o seu primeiro professor desde os tempos em que se ensinava changana. Mas tarde fui evangelista até agora que já não posso fazer mais nada — conta.

Ao lhe pedirmos para que descrevesse o Mondlane menino e, «moço», o entrevistado refere-se à sua inteligência, ao ponto de «quando lhe ensinávamos o A hoje, amanhã vinha conhecendo as letras seguintes».

Talvez por humildade, Issaia Mulate afirma que não teve nenhuma influência naquilo que Mondlane veio a ser mais tarde, quer douto-

Volto a falar de si, o entrevistado refere que depois de ensinar o Changana, ficou como evangelista pregando a palavra de Deus, até agora que a idade não lhe permite mais.

Fica grato, porém, por saber que a comunidade religiosa ainda é a sua família, pois as «pessoas da igreja vêm fazer missa para mim todos os domingos».

A sua maior vontade seria voltar a falar ao público, pregar a mensagem do Santo Deus.

A conversa termina calmamente, como aliás havia começado. Apoiado com um apelo firme de uma voz autorizada: Já ouvi muitos a falarem no rádio sobre Eduardo Mondlane. Continuo a dizer que falar de Mondlane deve ter em conta aquilo que foi a sua base social, os seus avós, os seus pais e a comunidade onde ele viveu. Esta deve ser a base de toda a abordagem que se possa fazer sobre Mondlane. É nas suas origens que se busca a sua personalidade, o seu carácter.